

Frontaria da igreja do Mosteiro de Alcobaça

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redação, administração e typographia

83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregador accresce o importe das despesas

Extrangeiro — Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 250

Braga, 13 de Abril de 1918

Anno V

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clerigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clerigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parcho de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os membros evs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»

BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

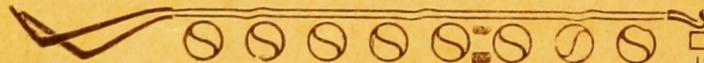
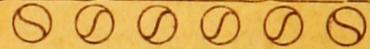
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrucção Primaria..



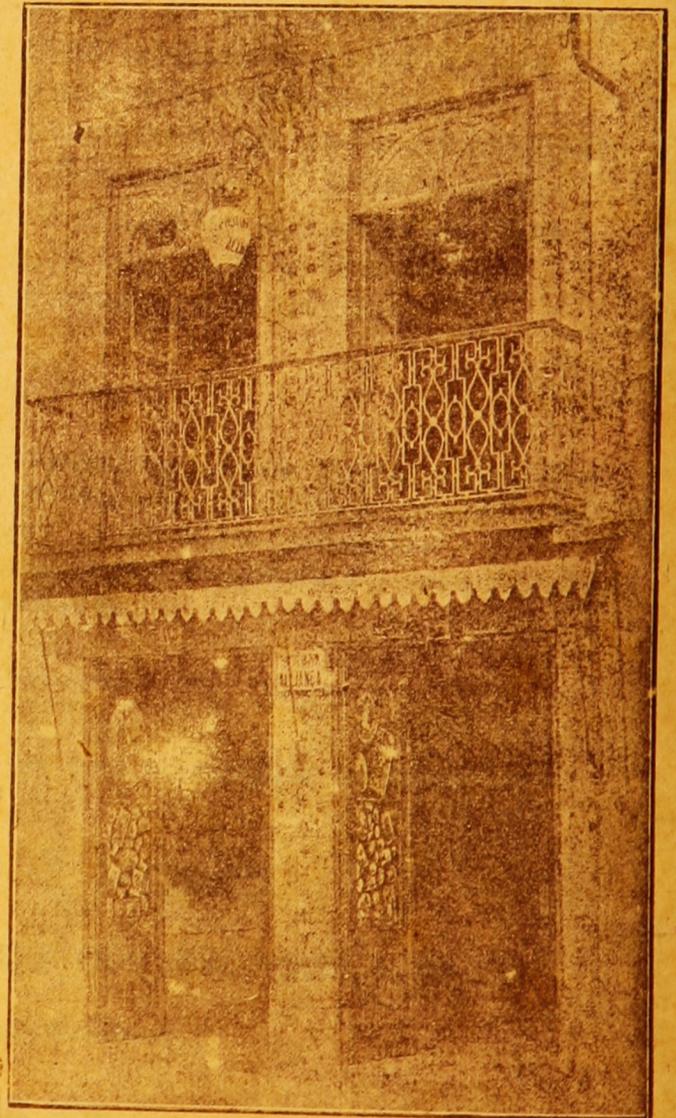
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA

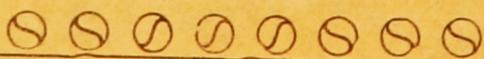




ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Vellos
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 13 de Abril de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 250 — Anno V



BRAGA ANTIGA

Um aspecto da Praça Conde Agrolongo no dia da feira semanal

CHRONICA DA SEMANA

Terra de conjuras

ENTRADOS no periodo eleitoral eis fervilhando os grupos partidarios — uns aprestando-se para a lucta, outros reduzindo-se ao fôjo da abstenção. Sabe já o leitor que estes ultimos formam a opposição ao Dr. Sidonio Paes, e se valem da tactica abstencionista para furtar o corpo á flagrante derrota, que nas urnas os aguarda: e como eu, sabe tambem que acuados, a estorcerem-se, por vêr que de facto agora, não estando no poder a paparretice pimentista, e a inactividade das suas forças produzindo a desagregação e a debandada dos influentes, elles devem jogar a cartada final, em pleno, sobre o numero do dia escolhido e aprazado, da rolêta revolucionaria—o todo pelo todo, a prova derradeira!

Quando em desabafos, declamam: *Não oh! não! isto não pôde assim continuar!* percebe-se que, a elles que já mais perderam uma revolução é mais amarguroso o agrot do exilio do poder, onde vampirisavam, nunca fartos, as veias dessangradas do paiz. E fiados na covardia reptiliana dos medricas, na indifferença bastarda da maioria, acceitação dos factos consumados, a prisão commoda que se teem refugiado as espadas, nas horas tragicas dos seus assaltos, elles ahi vão a raminar desforras, acordando na retentiva os compromissos de fulanos e sicranos; pedindo na atmospheria crassa dos cafés, á lavareda dos ponches e ao ardido das bebidas alcoolicas, o encendimento do sacro fogo da revolta; rumorejando o *está pra breve*; sacudindo, organizando, fanaticos por fome, raivecidos pela visão de morte proxima, ignorando que, se effectivamente o governo e os seus fieis estão alerta, cada passo que dão, lhes encurta o caminho á sepultura—como lá diz o Ecclesiâstes...

E' preciso viver, para comer sem trabalhar, como até dezembro, os pratos cosinhados, á meza posta orçamental. Luctar! Luctar por qualquer fórma... E ao desenrolar das sombras tardonhas do crepusculo no meio e nos extremos da cidade vêem-se á porta das fabricas ahordando os *meneurs* de grêves, reavivando-lhes os despeitos, brandindo-lhes ante os olhos a prespectiva das vinganças e das reclamações, sombrias como as fumaradas brandidas pelas altas, esguias chaminés, contra um céu puro e azulino. Como os circulos ondulatorios formados por uma gôta d'agua ao cahir do tecto d'uma gruta n'um lago tenebroso, as suas insinuações amplificam-se nos cerebros simplistas dos trabalhadores, e mais dia, menos dia, um conflicto defem por um mez, por dois mezes, por trez mezes as attenções dos ministros.

Concussionarios, violentos, são e foram — não o escondem. Mas em politica reza-se por outra cartilha. "A podridão, dizia um grande romancista nosso, só offende o nariz da opinião publica, se o leproso d'alma, depois que se atufou no atoleiro, não pode saltar de lá para uma carruagem, e das portinholas atirar dinheiro ás rebatinhas á gentalha." E' assim que elles raciocinam, despidos totalmente de consciencia, como perfeitos *condottieri* mercenarios.

Se lhes perguntarem se creem na derrota, responderão negativamente. Tem um talismam:—o acaso, que dá o triumpho aos que se arrojam. E' o seu fetiche, um fetiche igual ao outro que lhes morreu desauctorisado no dia 5 de dezembro e era propriamente a sua *manobra estrategica* nas revoluções: — o armistício. Morto este por desauctorisação, ficou o acaso. Elles crêem no acaso, o vencedor de 14 de maio, como Sidonio Paes acredita na organisação e na opinião publica ambiente, os vencedores revolucionarios do 5 de dezembro.

Os psicólogos de revoluções, mais que na Turquia, e embora elle aqui se apresente em menor escala que na Russia, e sem as disputas tumultuarias do regionalismo chinez, poderiam vir estudar este problema curioso nas sedições portuguezas. Teem qualquer coisa de grande e teem qualquer coisa de operêta. Teem Paiva Couceiro, soberbamente insubmisso ante a canalha, e teem aquelle official que na Rotunda, de noite, Rocha Martins viu por detraz d'uma arvore, a pedir ao barbado civil Americo d'Oliveira (*então eu hei de ficar nú, seu c...* dizia este enojado) que lhe cedesse o fato de paisano pra fugir.

Tem Theophilo Duarte o moço heroe dun'alvaresco do Parque Eduardo VII, e tem Norton a limpar as camarinhas de suor (frio?) sentado nos degraus do Lorêto, perguntando entrementes a Derouet se a columna que partira ao assalto já viera...

A annunciada revolta democratica vae com certeza reunir estes dois aspectos, o bello e o comico, — mas será sina de mais um, se as espadas e as *mausers* a não jugulam rapidamente nas cidades, se os varapaus, os chuços e as caçadeiras a não dominam rapidamente nas aldeias e villas da provincia. Esse outro aspecto é o anarehico, caracterizado pela eclosão das joldas bestias do incendio e da pilhagem, que nos obrigarão a todos nós os que temos que perder, a irmo-nos ajuntar á força publica, depois de pôrmos mulher e filhos em seguro, a vender cara a pèlle e os haveres!

Então... se uma lucta de dois dias, o maximo, não pôbe termo á insurreição, talvez que o Weyler torne a propor aquella viajata annunciada por elle ha desoito annos: e podem os historiadores sobrevividos á hecatombe, ir relendo os quadros do nosso agitado romanticismo politico, e aparrar a linguagem empolada e sentimentalista das descrições de então, a raso das narrativas jornalisticas de hoje, como pormenores, com numeros, com dactas, nomes e filiações, mappas de necroterios e listas de curativos nas phamacias, — a terminarem por uma evolução historica: Cezar espirando apunhalado ao pé da estatua de Pompeu e a sua morte abrindo uma série de luctas fraticidas: Concha entrando a titulo de ordem publica nos muros profanados da *Invicta*... E' pela certa, meus senhores!

F. V.

Vida Intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

O momento.

AO gesto clemente do governo abrindo as prisões, a opposição responde com ameaças. No momento em que se inicia o periodo eleitoral no goso pleno de todas as liberdades e garantias estala uma campanha infame contra a malfadada terra de Portugal. O sr. Sidonio Paes deve estar convencido já do que valem, em materia de patriotismo, os ambiciosos quadrilheiros que a revolução de dezembro derrubou. A sua generosidade responde com a ameaça d'uma revolução que a triumphar precipitaria Portugal no mais sinistro dos abysmos. O sr. Sidonio Paes sabe bem que arrisca a sua vida mas o que é mais grave, é que por muito preciosa que seja a vida de sua Ex.^a, a vida da Patria vale mais e é positivamente a vida da Patria que a revolução põe em perigo. Mesmo que não triumphem—que não triumphará—qualquer movimento revolucionario, nesta hora de gravissimas incertezas, é o pronuncio fatal d'uma tragica catastrophe. E' preciso assegurar o problema da ordem, sem a qual nenhuma nacionalidade pode viver. Para onde vamos afinal? Vive-se n'um anseio constante, suffoca-se positivamente n'esta atmosphera de pavor, d'ameaças, d'inquietações, de continuas e apavorantes receios. A politica sobreleva todas as legitimas aspirações, suffoca todas as energias, paralysa, esmaga todos os legitimos propositos. A onda alastra sóbe ameaçadora, cruel e tudo subverte. Quem trabalha, quem pensa, quem produz, e acima, bem acima d'essa torva marezia devia pairar, toma-se do geral receio e vae forçado para o negro sinistro torvelhinho: a industria vive angustiosa sem materia prima que o governo não lhe pode dar totalmente absorvido no reprimir dos famigerados e sediciosos movimentos que se annunciam.

O receio invade todas as classes, amargura em todos os lares, enerva e inutilisa todo o trabalho, gerando essa pavorosa atmosphera em que se vive.

Para onde vamos afinal? Poder-se-ha prolongar esta situação angustiosa para to-

dos? Poderá positivamente manter-se este periodo constante de prevenções, de cautelas, que absorvem todo o tempo e todo o esforço? O paiz tem fome. O problema das subsistencias necessita remedio inergico, rapida e ponderada solução, que o governo lhe não pode dar porque a ordem publica lhe absorve todo o tempo, o obriga a essa existencia insegura e enervante, d'ameaças continuas. E' preciso, é absolutamente necessario dominar a situação. O sr. Sidonio Paes deve saber, porque é intelligente, que os seus adversarios mais do que uma revolução, que já consideram inviavel, pretendem manter esta excitação, este ar de revolta, esta atmosphera de desordem, que justifique e ajude os seus sinistros propositos de traição. Querem agitar o periodo eleitoral, porque querem evitar sobretudo que o paiz, pela boca das urnas os fulmine e amaldiçoe os esmague para sempre, porque querem furtar-se á derrota tremenda que o eleitorado nacional lhe vae inflingir.

A situação é por isso mesmo gravemente melindrosa porque exige mãos de ferro que dominem com justiça, que castiguem com direito, que esmaguem com a auctoridade severa, de quem pretende arrancar uma nacionalidade d'um tragico atoleiro.

E' por isso que a hora não é para politica, para vaidades, para ambições; é por isso que o momento não corre azado aos que pretendem engordar facções, dar ficção partidaria a insignificantes grupelhos.

E' preciso atacar de frente o problema da ordem. D'uma vez para sempre urge restabelece-la, garanti-la, para que o paiz respire a tranquilla calma a que tem direito, depois de sete amargurados annos, de piores, de perseguições, de latrocinios, e possa emfim refazer-se pelo trabalho, pela ordem.

Em volta d'este problema agrupam-se desinteressadamente todos aquelles, que acima da sua paixão politica põe patrioticamente o amor e a felicidade da terra em que nasceram. O momento é este. Vencerá quem o souber dominar.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XXIX

Supplicio do bacalhau



ORA no folheto n.º 2, *Roda da Fortuna* do nosso bom José Daniel, encontra-se o **SUPPLICIO DO BACALHAO** e *degre do de Judas, em sabbado de Alleluia. Em que falla hum juiz, o Reo Bacalhão, hum Porteiro, e hum Exortador, que acompanha o Réo ao Patibulo.*

Supplicio do Bacalhão

JUIZ

Como seja lei expressa
De direito e de razão
Que todo o Reo seja ouvido
Em qualquer accusação:
Vamós decidir da sorte
Do misero Bacalhão
Negro já como ferrugem,
Duro, e-seco, como um pão.
Não se lhe negue o recurso
A' defeza, que mostrar.
Mas ha de, summariamente,
Toda a innocencia provar.
Deste modo ficarão
Neste processo logrados
Fieis e procuradores,
Os Escrivães e os Letrados.
Demandas que durão annos
No escriptorio demoradas;
Morrem paes, filhos e netos
E nunca são acabadas.
E as partes dando presentes
Inda em cima do seu mal,
Pelo entrudo, Pela Pascoa,
Por São João e Naçal.
Appareça o Réo á frente
Para aqui ser perguntado,
E depois de convencido
Ser logo sentenciado.
Dize-me, pois, Bacalhão,
Porque sahes tu d'Inglaterra,
E te acoufas em Lisboa
Fazendo aos mais peixes guerra?
Tirando toda a valia
Ao goraz, cherne e safio,
Té á pescada do alto
E a todo o peixe do rio?
Ah desgraçado robalo!
Ah desgraçada corvina!
Que quem não pode chegar-te
Ao Bacalhão se destina.
Responde mais: tu não vés
Que as mulheres da Ribeira
Contra ti formam libellos,
Mal que entra a pingar a beira?
Não vens causar aos lugares
O mais infeliz agouro?
Como hão de as pobres mulheres
Ter brinco e cordões de ouro?
Não fallo do Pescador,
Que em p'rigos na embarcação,
Traz o peixe á vendedeira,
E só come o que lhe dão,
Ella então muito repimpada,
Açanhada, como bicha,
Dizendo a quem lhe dá menos:
Coma sardinha de espicha!
Pergunto mais: Que motivo
Tens de nos quererem mal,
Salgando-te com salitre
Em lugar do nosso sal?
Porque razão combalido
Té vens botando máo cheiro
Empéstar a loja toda
Do gordo bacalhoeiro?
O qual vendo que não pode
Comtigo o povo enganar
Por ter medo da saúde
Te vae na praia deitar.
Dize tambem: porque causa
Vem essa tão boa peça
Para cá trazendo o rabo
E lá deixando a cabeça?

Porque com tanta soberba
Tão vaidoso te añasças,
Se sabes que a tua sorte
He andar sempre em balanças?
Em que, fundas, presumido,
Pensamentos elevados,
Só porque fazem de ti
Setecentos mil guizados (1)
Responde: porque razão
Na mesa de huma taverna
Empazinas os Gallegos
Com huma colica eterna?
Tu fazes que a cozinheira
Te tempere sem trabalho,
Para dar ao lacainho
Bacalhau de mólho d'alho.
Tu fazes que os capitães,
Que te fazem a Lisboa,
Levem montes de cartuchos
E tudo em moeda boa.
Bacalhão, pondera bem
No quanto de ti se diz,
E debes-me responder
A's perguntas que te fiz.
A' vista de tantos crimes
Defende-te, se pudéres
E levarás a Sentença
Conforme o que mereceres.

Falla do Bacalhão

dando a sua defeza

Bicha de sete cabeças
Desejava eu hoje ser,
Para que com sete linguas
Me podésse defender.
Mas é tal a minha sorte,
Que para meu maior mal
Uma cabeça que tinha
Vim sem ella a Portugal.
As culpas que me accumulam
Nascem do ódio e da intriga
Com que deseja perder-me
A gente minha inimiga.
O que bem posso mostrar
E' a grande utilidade,
Que provém da minha vinda
A' gente d'esta cidade.
Digam todos quem melhor
Serve em dia de jejum,
Para quem não come arenques
Escalados, nem atum.
Eu dou o seu a seu dono,
Não tenho genio caatinga,
Quando, assado, entro na adega,
Os toneis deixo sem pinga.
Na taberna mais grosseira,
Na meza de mais finura,
Vou com mólho de manteiga
Fazer brilhante figura.
Até os mesmos Tafés
Em mim acham seu conforto,
Sobre Bacalhão com ovos
Chupam garrafas do Porto.
Ahi que seria do povo
Se eu acudir-lhe não vinha!
N'este Inverno, em que a Ribeira
Esteve posta na espinha!

Se com cebolas, ou batatas
Me põem em prato redondo,
Já julga toda a familia
Que tem banquete de estrondo.
Se appareço desfiado
Dentro de algum pastelão
Todos gostam, todos gabam
Esta minha condição.
Eu dou aos Salóios migas,
De mim se faz bom arroz,
Pobre, rico, preto, branco
Dão comigo no cadoz.
Os cavadores de enxada,
Quando acabam seus trabalhos,
Acham-me sua gracinha
Com uma cabeça d'alhos.
Comigo assado e cozido
Por feição, e brincadeira
Muita gente de cabello
Toma a sua cabelleira,
Té no tempo dos tomates
Com salsa, cravo e pimenta
Me fazem de figelada,
Com que a mãe filhos sustenta.
Os almocreves de vinha,
Que este gasto lhes convem,
Levam costaes para a terra
Pelo vinho, que aqui vem.
Ha pelas tascas menino
Bebedor (ão bom, ou máu,
Que deixa as iscas de porco
Por iscas de Bacalhão.
E que se vê um destes
A cambalear muito sério
Já se julga que hade ser
Porteiro do Cemitério.
Se eu sou máu porque razão
Me chamam fiél amigo:
Nem sei porque muita gente
Se quer parecer comigo.
Té as meninas da móda,
Das que tem muito cacáo,
Braços nús, todas esguias
São cópia de um Bacalhão.
E que grande providencia
Não sou eu n'uma estalagem,
Quando lhe entra de repente
Povo que vae de passagem!
A gorda Estalajadeira,
A's bolsas botando o olho,
Logo diz: *ó rapariga*
Bota Bacalhão de mólho!
Lá nos séculos trazeiros
Qualquer coisa era uma isca;
Té sobre assorda, e tremóços
Uma canada ia á risca.
Com quatro ou tres dentes d'alho
C'o uma cebola inda crua,
Com frez camarões, dois figos,
Dava-se crena á charrua.
Estamós em mundo novo,
Chegou a tudo a mudança
Novas modas, novos usos,
N'isto de nutrir a pança,
Quando os escalados faltam,
E não dá sardinha o mar,
Levanta-se o preço a tudo,
Ficam todos a chorar.
Mas appareço eu então
E cubro a falta que vêjo

Até me deixo albardar,
Sofrendo a carga sem péjo.
Eu assado sirvo de isco.
De almoçadas sou manjar,
Ando por mar e por terra,
Para os Dóvos sustentar.
Quando pelas casas pobres
Vem hóspedes repentinos
Supro pelo melhor peixe
Entre os guizados mais finos.
Ou eu seja pódre, ou são,
Todos todos me apetechem,
Embuçam-me em claras de ovos,
Fico que me não conhechem.
As caldeiradas de chocos
Sarda, arraia, e mexilhão,
Prégam nos buchos mais fortes
Horrorosa indigestão.
Muitos bebem seis canadas
Sobre marisco; e no cabo,
Dão com toda a carga em terra
Que logo os leva o diabo.
Vem a mulher, vem os filhos,
E o pae feito papa-assorda.
Vae na chusma para casa
De cadeira a páo, e corda!
Mas quem minha posta come
E vae a pinga chupar,
Não se ha-de vêr nesse lance
Pois faço bom paladar.
Se me salgam com salitre
Se me trazem d'Inglaterra
Se me dão estimação
Pondo os mais peixes por terra;
Se o pescador lucra pouco,
Talvez por ser um calouro,
Se por mim as vendedeiras
Não pôdem ter cordões d'ouro:
Se ao sagaz bacalhoeiro
O que lhe importa é vender
E por fazer fome ao povo,
Lá me deixa apodrecer:
Se o damnado Taverneiro,
Por ter aos cobres apêgo,
Compra Bacalhão ruim
Para embutir ao Galgo:
Se a lambida cozinheira
Furta postas com destreza
Para dar ao seu Lacaio,
Por uma grande fineza:
Imputarem-me estas culpas
Nem é razão, nem convém;
Não devo ser criminado
De crimes que os outros tem
Sentenciem-me os senhores
Sem dó, sem razão, sem Lei,
Que nas Sextas e nos Sabados
Eu d'elles me vingarei.
Quando o mar não dê escama
Por temporaes infinitos,
Jantarão assorda d'alho
E cearão ovos fritos

JUIZ

Já que com tanta altivez
Esperas a tua sorte
Em castigo da soberba
Sofrerás pena de morte.
O Judas e o Bacalhão
Ambos de condição fraca,
A' vista de todo o Povo
Merecem morte macaca.

(Conclue).

(1) Na Galliza vi um folheto *Cien maneras de preparar bacalão*. Setecentos mil guizados acho forte. Mas... nada de notas.

MORTO ILLUSTRE



Conselheiro Carlos Roma du Bocage, reentamente
fallecido em Setubal

Conselheiro Carlos Roma du Bocage

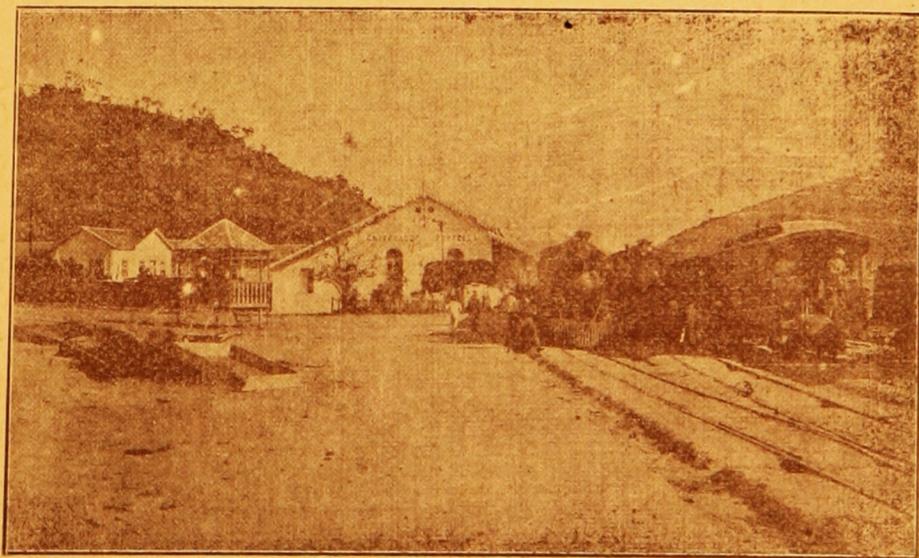
Morreu recentemente em Setubal o snr. Conselheiro Carlos Roma du Bocage, illustre general de divisão, e uma das individualidades de mais prestigio do nosso exercito; onde até ao momento da sua reforma evidenciou a sua cultura e os vastissimos conhecimentos sobre estrategia militar, já em varias commissões de serviços, já em multiplos trabalhos que muito o honraram e enobreceram.

Foi ministro dos estrangeiros no tempo da monarchia, que exerceu com o mais subido criterio e um raro factio de diplomacia.

A "Ilustração Catholica" no Brazil

RIO DE JANEIRO;

No estrada de Ferro Central
Uma estação da linha auxiliar.



Realizou-se no dia 21 de fevereiro passado, uma excursão a Villa Real promovida pela Academia de Braga dando no Theatro-Circo, uma recita em que tomou parte a Tuna, Orféon e Grupo Scenico.

A recepção, que foi admirável pela parte da Academia Vilarealense, não o foi menos pelas formosas damas que engalanaram as sacadas por onde os briosos rapazes passaram, pois foram incessantes as flores, os sorrisos e fitas que com o mais fino gosto collocavam nas capas dos academicos.

Quando visitaram a Illustre Presidente, a Ex.^{ma} Snr.^a D. Olivia Baptista da Costa, escolhida entre as demais senhoras da melhor sociedade, pelos delegados Sñrs. Bento Gonçalves Santos e Manoel Ferreira da Silva Araujo, assumiu então o auge do delirio!!

Senhoras da mais fina elite Vilarealense esperavam com os seus ternos sorrisos e flores, os apetecidos filhos de Minerva; foi lhes oferecida uma lindissima e bem pintada fita de seda moirée, pela Illustre Presidente para o velho estandarte da Tuna, que mais uma vez beijava a capital transmontana; agradecerem o Snr. Felicissimo Antonio do Vale Rego Campos como Presidente da Academia de Braga, o trabalho insano, que contribuiu para que houvesse uma tão boa recepção, e o modo gentil como as damas presentes recebeciam. foi-lhes em seguida oferecido um bom e delicioso copo d'agua, pela illustre presidente e servido pelas gentis senhoras trocando-se varios brindes.

A noite, deu-se principio ao sarau começando pela apresentação da Academia Bracarense feita pela presidente da Academia de Villa Real o snr. José Afonso Botelho da Silva Branco que renunciou um tocante discurso.

Apresentou em seguida a Tuna e Orfeon o presidente da Academia de Braga, agradecendo tambem ao povo de Villa Real a boa vontade que tiveram em cooperar para o bom acolhimento dos visitantes.

—Agradou imenso o belo desempenho dos interpetres das comedias e em especial do entre acto dramatico.

A Tuna sob a regencia do Ex.^{mo} Snr. José Antonio Gonçalves Meirelles agradou imenso, sendo muito aplaudida a selecção de fados portuguezes de Souza Moraes.

O Orféon que estava sob a regencia do Ex.^{mo} Snr. Carvalho Alaio cantou harmoniasamente, sendo visada a Rapsodia de Cantos Populares de A. Joyce.



Snr.^a D. Olivia Baptista da Costa
Illustre presidente da excursão



O Snr. Felicissimo Antonio Vale Rego Campos
Presidente da Academia de Braga

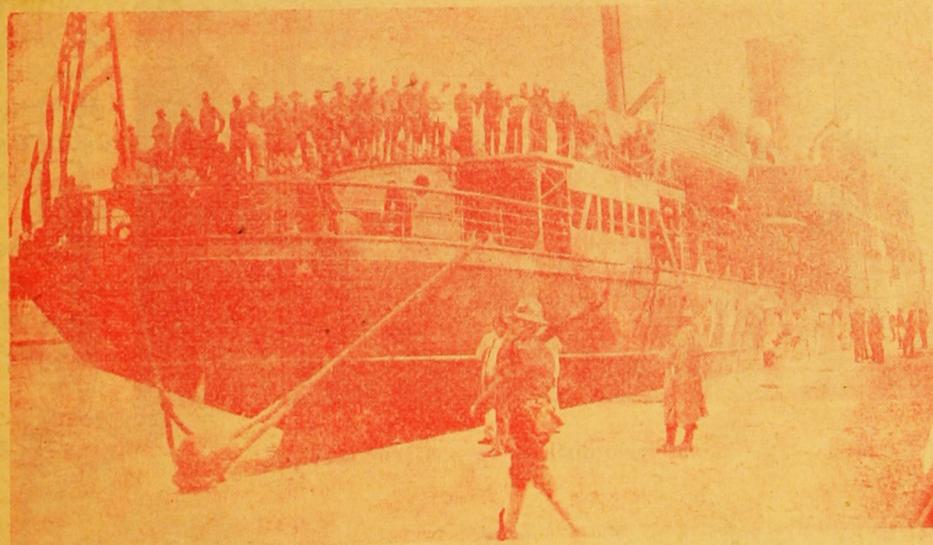


O Snr. P.^o Manoel Carvalho Alaio
Regente do Orféon Academico

A Grande Guerra



O príncipe herdeiro da Sérvia, falando com um ferido



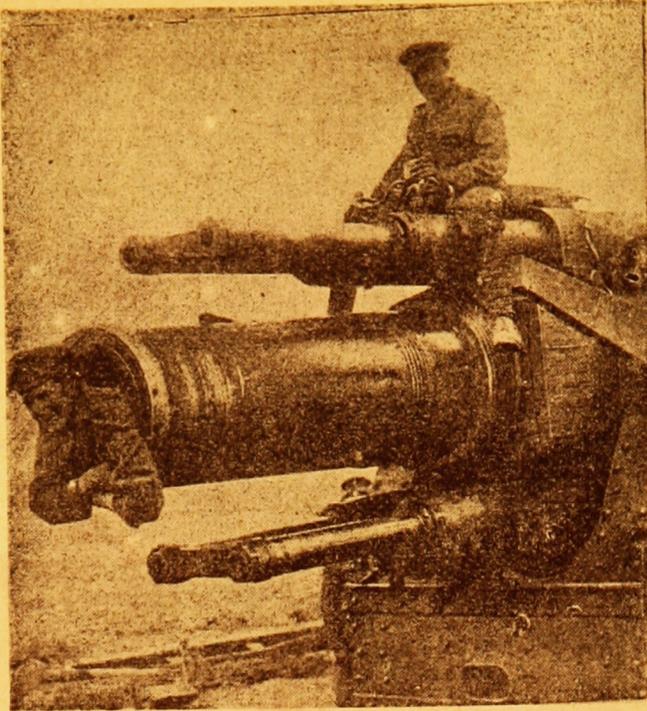
Uma senhora inglesa conductora dum
canhão da cruz vermelha

Um vapor americano ao chegar ao
porto X a França com tropas
americanas

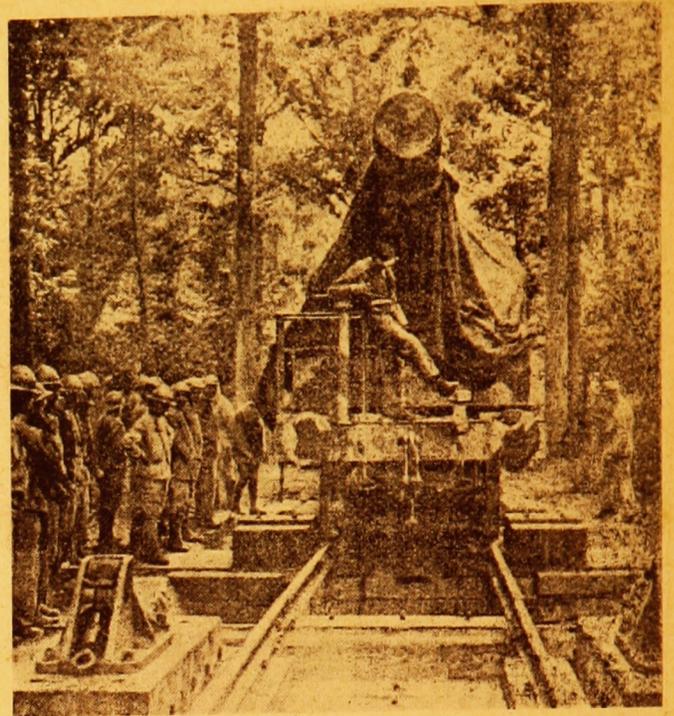


Uma onda de
gazes levantando-se das trincheiras alle-
mãs.





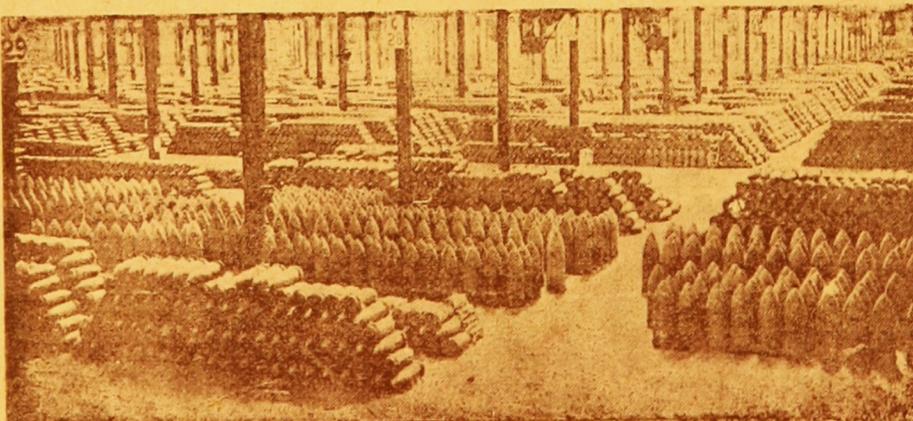
Um grande canhão inglês



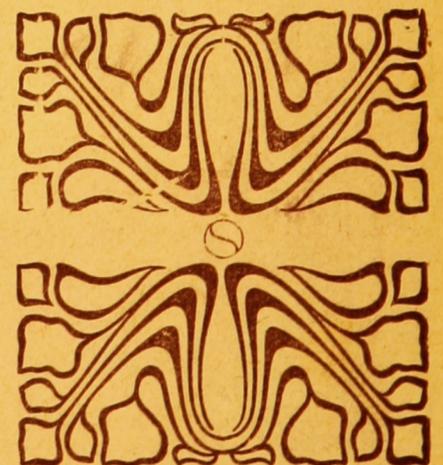
Uma peça de grande calibre franceza assente em trilho de ferro

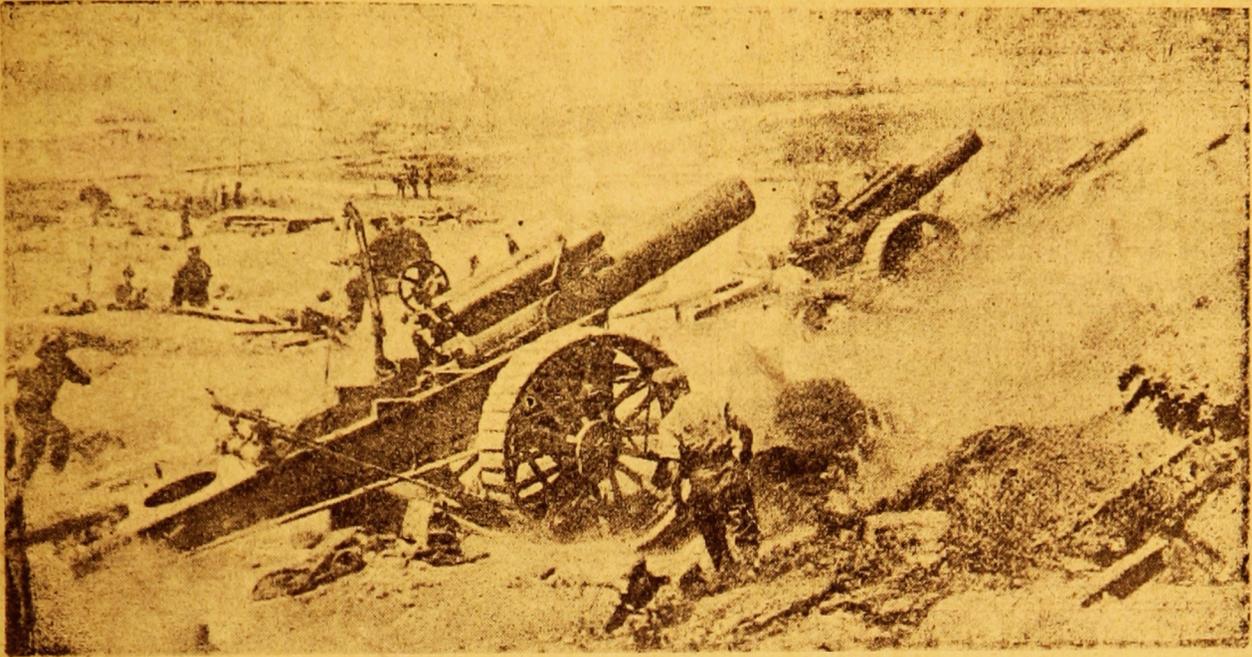


Um grupo de aviadores francezes que se tem distinguido nos seus serviços



Vista do deposito de munições d'uma fabrica inglesa





Canhões de grande calibre ingleses disparando sobre as linhas allemãs

Uma noite de arte no Grande Collegio do Porto

As alumnas do Grande Collegio do Porto sito no Palacete Falcão á Corujeira — promoveram ha dias uma recita em honra da Ex.^ma Directora. Entre outros numeros subiu á scena a delicada peça em 1 acto — *Um Serão de' anno Novo* — original dos srs. Dr. M. Francisco Gomes (versos). e Dr. J. Roberto de Carvalho (musica), expressamente escripta para esta noite.

A festa, a que presidiu o venerando Bispo do Porto, foi um encanto, trazendo todos as melhores impressões do habil ensino ministrado no Grande



Collegio do Porto, um dos melhores em preceitos educativos, em hygiene e belleza de instalação.

Scena de abertura da peça — *Um Serão de anno Novo*. — Da esquerda para a direita : D. Maria da Conceição Azevedo, D. Izilda Estrella Santos, D. Maria Helena Barreiros, D. Estrella Santos, D. Izaura Faria Machado, D. Conceição Osorio, D. Palmyra Teixeira e D. Lucia Jorge Nunes.

Outra scena da peça — *Um Serão de anno Novo*. — Da esquerda para a direita : D. Edith Figueiredo, D. M. Helena Barreiros, D. Izilda Santos, D. Conceição Osorio, D. Izaura Machado, D. Estrella Santos, D. Lucia Jorge Nunes, D. M. da Conceição Azevedo, D. Izabel Alves, D. Encarnação Bastos, D. Elysa Moraes, D. Amelia de Pinho e Costa, D. Beatriz Lopes, e D. Palmyra Teixeira.



Pedidos

— Está-me a parecer que o sr. procurando-me tem por fim pedir-me dinheiro.

— Engana-se. Procuo-o para lhe pedir a mão de sua filha.

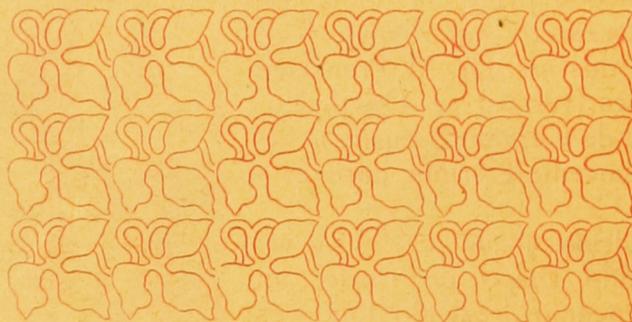
— Já vê que me não enganei; vem tudo a dar na mesma.



A PAZ GERMANICO-RUSSA



Soldados russos e allemães dançando n'uma festa organizada na frente oriental eoz assignatura da paz.



Soldados russos e allemães assistindo a uma conferência.



QUADROS

XXIII

Aos que soffrem

A ORAÇÃO

La vogando alegremente a guiga,
Mas, de chofre, rebenta um vendaval
E muda em barro as ondas de crystal,
E mude a paz em guerra, o amor em briga.

A embarcação, veleira, mas antiga,
Vai abysmar-se á flor do temporal,...
Que será dentro em pouco? Um funeral
Com o caixão desfeito viga a viga.

Mas, n'isto, o remador, d'olhar alçado,
Disse ás ondas, á torve immensidão:
—Vai salvar-me Jesus Crucificado!

E assim foi. Todo o mar se tornou chão.
Chegou a guiga ao porto idolatrado...
Tal a força ineffavel da oração.

José Agostinho.

1.º DEZEMBRO

A Portugal

1

Levanta-te, oh meu velho Portugal!
Não sentes os clamores d'agonia
Dos teus filhos, que a dura tyrannia
Oprime? Vamos, meu brado é leal!

Acorda!... pois não vês que é hoje o dia
Sacrosanto, bendito e immortal.
Que o teu povo n'um rasgo sem igual
Castiga a traiçoeira cobardia?

Ouve-los saltar cheios d'anciedade
O grito liberdade! liberdade?
E a luz do sol da gloria é já mais bella!

—E o velho Portugal, audaz e heroico
Acorda, enfim! supremo, altivo e estoico
Expulsa e vence o jugo de Castella!—

Manteigas, 1-1-917.

Paulo Lopes da Silva.

O Anseio da Ave

Musica de Estefânia Cabreira

(CANÇÃO)

A' esposa de José Agostinho

Bato as azas sob o céu,
Subindo é maior altura...
E todo este espaço é meu!
Mas onde existe a ventura?!

Surge fôfa como um ninho,
Pequenina como estrela,
Ao longe nuvem de arminho?!
Vou roçar as azas nela.

Deixei a adorada prole,
Num silveiral todo em flor,
Todo inundado de sol,
Todo exposto ao seu calor.

Que se isso me não ligasse
Ao mundo, no qual nasci,
Para que a luz me abrazasse,
Voaria, ó sol, p'ra ti.

Sou a canção dos espaços!
Ave pequena!... Jesus
Quebra-me da vida os laços,
Queria tornar-me luz,

A luz do teu meigo olhar
Dôce, amavel, profundo
É então nunca mais voar...
Quanto mais descer ao mundo!!!

.....
Bato as azas pela altura,
Por todo o espaço (ele é meu!)
Bato as azas... mas... ventura?
Só se as batesse no céu.

Lisboa, 28 de março de 1918.

Oliveira Cabral.

Um grande musico

Claudio-Achilles Debussy



nação franceza — e a musica em geral — acaba de perder um dos temperamentos mais significativos das modernas tendencias musicas. Passou decerto sob o olhar dos leitores, nos jornaes, o secco telegramma de Paris que dava a noticia da morte de Claudio Debussy.

Quem era ?

Nasceu, como Luiz XIV na villa de S. Germano em Laye (Sena e Oise) perto de Versalhes. Aos onze annos, em 1873, foi admittido como alumno no Conservatorio de Paris. Uma antiga discipula de Chopin, a Senhora de Sivry, adivinhou a aptidão musical do joven. Foi discipulo de Lavignac, obtendo os premios de solfejo nos tres cursos. Como alumno da aula de pianno, a cargo de Marmontel, alcançou um *accessit* e um segundo premio em 1877. Depois passou á aula de harmonia, de Emilio Durand, concorrendo por tres vezes, mas sem resultado. Discipulo se bem que por pouco tempo, da aula de orgão, de César Franck, passou á de Composição de Ernesto Guirand, em que as suas habéis e scépticas licções lhe valeram os premios de Roma, em 83 e 84, este ultimo pela Cantata *O filho pródigo*.

Já em 1879 havia Debussy abandonado a França e viajado pela Russia onde indelevelmente o impressionaram o colorido e o ambiente oriental das canções populares russas.

Da sua estada na Villa Médicis são *Almanzor* fragmento de drama lyrico que pôde considerar-se perdido, e uma *suite* symphonica em duas partes para orchestras e côros intitulada *Printemps*, obra rigeitada pelo jury de academicos que então presidia á evolução da musica franceza. Em Roma começou Debussy *La Demoiselle Elue* que foi terminada em Paris. Emocionado assistiu em 89, em Bayreuth, ás representações do *Parsifal*, de *Tristão e Isolda* e dos *Mestres Cantores*. Possuidor de uma extensissima cultura litteraria, Debussy frequenta a amizade dos escriptores do seu tempo. Malariné, Maeterlinck, Mendés, Verlaine inspiram-lhe admiraveis obras. *Pélleas* e *Melisandro* exerce uma decisiva impressão no animo de musico. Maeterlinck concêde auctorisação a Debussy para compôr o drama lyrico em cinco actos que seria a obra prima do symbolismo da moderna musica dramática franceza. Bastante antes do aparecimento de *Pélleas* na Opera cômica, tinha elle composto os *Cinco Poemas de Baudelaire*, as *Festas Galantes* as *Canções da Bilitis*—estas inspiradas nas de Pierre Louys—as *Prosas Lyricas* e ess'outra obra, quicá a mais bella pagina do impressionismo musical, ainda que incompletamente conhecida entre nós, que se chama *Nocturnos*.

O *Preludio á séssta de um fauno* é anterior a esta composição.

Nos primeiros annos do século, a actividade musical de Debussy reporta-se ás suas composições de piano e ao *lied*. Poucas são na verdade, os interpretes que incluem as suas obras nos programmas. Porém, aquelles que o fazem são artistas de primeira plana. E' Vinão, é Granados, em Hespanha, é Vianna da Motta em Portugal. E' que para interpretar bem Debussy, não basta ter o curso do conservatorio ou ter obtido algum prêmio mais elevado: mas possuir a comprehensão de uma sensibilidade subtil qual a esparsa na obra do grande compositor francez!

Debussy como escriptor collaborou assiduamente no *Gil Blas* e na *Revue Blanche*, encerrando os seus

escriptos a justificação da sua esthetica e dos seus procesos. Era cavalleiro da Legião d'Honra e membro do Conselho do Conservatorio.

Conhecido assim o homem, resta responder á pergunta:—que era Debussy como musico?

No confuso amontoado de conhecimentos, referencias e noticias a respeito da moderna musica francêza, Debussy sóe aparecer como «um dos mais importantes compositores, entre varios outros.»

Eis uma grande injustiça e um grande erro. Debussy representa precisamente alguma coisa á parte, essencialmente distincto, um solitario, se quiserem, desgarrado da famosa pleiade de compositores contemporaneos. E não se entenda que esta separação deu a caracteristica á sua personalidade, antes que reciprocamente foi esta, latente e manifesta n'elle, que traçou a sua norma de conducta artistica.

Porque Debussy foi—acima de tudo—o que o musico devia ser: um poeta. Poeta que a si mesmo creou os meios proprios de expressão; posta que ao tractar de dar forma á sua ideia e ao seu sentimento, fez musica. . . E por isso que tal não costuma repetir-se em muitos que escrevem musica, teve e tem Debussy inimigos e detractores da sua obra, uns que entendem que a musica deve estar prêsna a moldes e cânones invariaveis, outros que, pelo contrario, reduzem a arte á *maneira de fazer* ao processo, ás formulas e pormenores do officio. «Eu faço a minha musica, escreveu Debussy para a servir o melhor que posso e sem nenhuma espécie de preocupações; mas é logico que corra o risco de desagradar aquelles que gostam só de *uma musica*, até ao ponto de lhe sêr ciosamente fieis apesar das suas rugas e postigos».

Qual foi, pois, a obra de Debussy? Subjectivamente considerada, é possuidora de um equilibrio espirital inconfundivelmente seu, entre aquelles extremos.

E com relação á tradição musical franceza e á sua influencia actual? Ouçamos auctoridades na materia, o eminente critico G. Aubry: «Ninguem com mais razão representa o nosso espirito tradicional. Vimos não suas *Chansons de France* na sua *Hommage à Rameau*, na utilização dos modos do canto gregoriano, em *Pélleas* e nos seus artigos, que tinha como precededores e modêlos os velhos mestres francêses. Não por mero gosto do velho e do arcaico; a sua erudição musical sentia mais acicâte nos desejos e gostos da sua sensibilidade que nas suas inclinações de musicógrapho».

Isto basta para assignalar os dois pontos mais importantes da obra de Debussy que a muitos parecerão paradoxaes: e o seu trabalho como inovador no qual *Pélleas*, segundo o notabilissimo musico hespanhol Falla, marca poderosamente o seu ponto de partida, e o seu tradicionalismo que filia a sua obra em Rameau e Couperin.

Quem alguma vez ouviu *Os reflexos na agua*, os *Peixes de oiro*, a *Serenata á boneca* não esquecerá o grande compositor que acaba de morrer, nem deixará perder a recordação do seu exquisito sentimento que deu o grato transcórre de alguns minutos de delicioso encanto aos nossos ouvidos.

R. w.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTURA

Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra terrestres
e marítimos, grèves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoá
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto '05-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.
Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa,
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^o Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES—DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA